

APRESENTAÇÃO

Os *Tempos Históricos* em que vivemos são marcados pelo signo da Crise. Abruptamente encerrada a euforia neoliberal, são poucos os que permanecem negando sua vigência, ainda que muitos se esforcem em forjar frágeis discursos de “recuperação”, “retomada” e “reestabilização”, mesmo que para isto necessitem isolar de forma estanque as distintas dimensões da crise – econômica, social, ambiental, climática, etc. Apenas com este tratamento fragmentário e parcializador é possível minimizar a dimensão da crise, hiper-valorizando a tímida retomada do “crescimento econômico” e buscando reconstruir as condições para a acumulação de capitais. Claro que para isto foi necessário antes queimar trilhões de dólares de capital fictício, *produzidos* na ciranda financeira e, ficando o prejuízo imediatamente, socializado através da providencial intervenção do Estado (outrora demonizado, hoje convocado a reconstruir a estabilidade mais uma vez ameaçada pela irracionalidade inerente ao capital). Operação que produziu efeitos bastante reais no mundo concreto, provocando uma intensificação do desemprego, miséria e precarização das relações de trabalho.

É neste contexto que propomos o presente dossiê “História e Crise”, tendo em mente que as crises são inerentes à dinâmica do sistema capitalista, mas se dão sob formas, condições e intensidade variadas. Se por um lado, a crise geral de 1929 provocou uma enorme recessão mundial, criando condições para a ascensão do nazi-fascismo e o desenvolvimento da II Guerra Mundial, por outro lado, a ampla destruição provocada pela II Guerra Mundial permitiu um novo ciclo de acumulação capitalista, tendo como ponto de partida a reconstrução da Europa, inaugurando um longo período de acelerado *crescimento* econômico. Nos anos 1970, no entanto, as grandes crises do petróleo anunciavam uma nova crise e abriam caminhos para a afirmação de um novo modelo, que incluía o estímulo à financeirização, ao livre comércio, às privatizações, à redução dos direitos sociais e trabalhistas, o desmonte dos serviços públicos, a concentração da produção e a intensificação da exploração sobre os trabalhadores. Vivíamos então os anos de euforia do neoliberalismo, intensificados com a festejada derrocada do “socialismo real”. Por um largo período, seu receituário tornou possível a intensificação da acumulação de capitais – deixando sempre um rastro de destruição (de direitos sociais historicamente conquistados e das próprias condições de atendimento das necessidades básicas das populações), sempre tendo como principais beneficiários os grandes bancos e corporações multinacionais, levando ao enriquecimento sem precedentes de seus executivos e seus principais acionistas. Aos poucos fica evidente que a crise atual marca o

fim desta festa, que a acumulação capitalista se depara com seus limites absolutos e que a economia *globalizada* revela-se muito mais frágil do que podiam reconhecer seus ideólogos.

A tradução do artigo *A forma política da crise do capitalismo em sua fase imperialista*, de Irma Antognazzi, abre o dossiê propondo uma reflexão teórica sobre o conceito de crise, destacando as possibilidades de transformação social e de superação de uma dada ordem que se abrem com as crises e salientando as implicações da atual crise para a luta de classes na América Latina. Os três artigos que complementam o dossiê enfocam aspectos diversos das crises políticas e econômicas atravessadas no Brasil nas últimas três décadas. No artigo *A crise dos anos 80: Estado e Economia*, Gelson Rozentino propõe um balanço das políticas públicas e sua conexão com a economia brasileira no período compreendido entre meados da década de 1970 e o final da década de 1980. Leonardo Martins Barbosa, no artigo *História e crise na redemocratização brasileira* investiga as interpretações da crise produzidas pelo Centro de Estudos de Cultura Contemporânea e disseminadas através da Revista de Cultura Contemporânea entre 1978 e 1982. Já o artigo *Fase Neoliberal: resultados e perspectivas*, de José Menezes Gomes, propõe um balanço crítico do período neoliberal, complementado em sua parte final por um reflexão sobre as consequências do neoliberalismo no caso brasileiro e suas implicações para a luta de classes.

Este volume complementa-se com outros seis artigos, que discutem temáticas diversas como história urbana, trabalho, sindicalismo, migração, política e diplomacia; com dois relatos de pesquisa e o resumo de sete dissertações defendidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História da Unioeste no primeiro semestre de 2009.